

PROFESSOR REFLEXIVO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Nilton César Rodrigues Menezes
Mestre em Educação – UNOESC
Processos do ensino e da aprendizagem
Pôster

Resumo

Este trabalho propõe uma “olhar” sobre os professores reflexivos e suas possibilidades, aproximações e desafios, na atuação reflexiva na escola de educação integral. Os aspectos teóricos desse trabalho circulam entre os pressupostos voltados para o problema na perspectiva de uma prática pedagógica criadora e criativa a partir da ação-reflexão-ação. Diante de uma educação marcada por um modelo de conhecimento linear e fragmentador, buscou-se a discussão por intermédio de uma teorização de caráter argumentativo. Esta busca foi centrada na pergunta de forma ontológica, delineando-se a seguinte problemática: Quais os desafios e possibilidades concernentes ao professor reflexivo para dar sua contribuição ao implementar inovações e mudanças na escola de educação integral? Contém esta problematização, as premissas de reflexões de que o educador atinja o objetivo de proporcionar aos alunos e ao contexto escolar, respostas adequadas às exigências do século XXI. Também buscou desvelar a postura que deve ser observada desde o início da sua formação, passando pela necessidade de sua constante atualização até o desenvolvimento do seu trabalho no coletivo da escola, na transdisciplinaridade dos saberes nas suas práticas pedagógicas compartilhadas no contexto das complexidades na educação integral. Por fim, enxergou-se a possibilidade de transformar a escola de educação integral e ao seu desenvolvimento pela necessidade de proporcionar as condições indispensáveis a sua inclusão no mundo pelo processo de religação de saberes. Assim, mediante a transdisciplinaridade nas práticas pedagógicas compartilhadas, a partir do trabalho de configuração/reconfiguração de saberes proposto pelos professores reflexivos a toda comunidade escolar.

Palavras-chave: professor, reflexivo, escola, integral.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretendeu discutir os desafios, possibilidades do professor reflexivo, e seus desdobramentos para o cotidiano do trabalho docente numa Escola de Educação Integral. Tal reflexão é apoiada nos pressupostos embasados num olhar sobre desafios e possibilidades do professor reflexivo mediante o apontar de caminhos que convergem a criações, recriações, no autocriar-se, autofazer-se no humano, bem como pelo lado profissional para atuar na modalidade Educação Integral. A prática exige dos professores a capacidade de “reinventar sua escola enquanto local de trabalho e reinventar a si próprio enquanto pessoas e membros de uma profissão” (THURLER, 2002, p. 89). Isso nada mais é que consequência das exigências de suas relações com o coletivo: os alunos, os colegas e a escola, e o êxito do professor nesse contexto está diretamente ligado à sua contribuição para implementar o novo.

Para ter êxito nessa operação difícil e delicada, hoje sabemos que é primordial que os professores não sejam mais vistos como indivíduos em formação, nem como executores, mas como autores/atores plenos de um sistema que eles devem contribuir para transformar, no qual devem engajar-se ativamente, mobilizando o máximo de competências e fazendo o que for preciso para que possam ser construídas novas competências a curto ou médio prazo. Diante de uma educação marcada por um modelo de conhecimento linear e fragmentador, busca-se a discussão por intermédio de uma teorização de caráter argumentativo. Neste sentido, esta busca é centrada na pergunta de forma ontológica, onde propõe-se reflexões sobre os desafios e as possibilidades do professor reflexivo numa escola de educação integral, delineando-se a seguinte problemática: Quais os desafios e possibilidades têm o professor reflexivo para dar sua contribuição para implementar inovações e mudanças na escola de educação integral?

Os professores reflexivos, na medida em que são designados – ou se designam – como iniciadores do processo de mudança, transformam – ou mesmo sublimam – suas necessidades, seus problemas, sua nostalgia e seus objetivos pessoais, formulando projetos coletivos e investindo em sua implementação. Em contrapartida, sentem-se no direito de serem levados a sério como parceiros, aceitos em suas particularidades, sejam individuais ou coletivas (THURLER, 2002, p. 90). Finalmente, a consciência de que “a união faz a força” e de que é possível “fazer a diferença”, procedendo com método e obstinação, impulsionará as escolas a se aventurarem ainda mais longe na espiral do desenvolvimento” (THURLER, 2002, p. 95).

2 PROFESSOR REFLEXIVO E EDUCAÇÃO INTEGRAL

Sem dúvida, um debate sobre o professor reflexivo é rico em elementos que convergem para uma escola que se pensa e se faz pensar constantemente. As habilidades profissionais descritas por Nóvoa (1993), Tardif (2007) e o espaço institucional de formação docente proposto por Alarcão (1996) são sobremaneira convergentes com a proposta da escola que educa para a vida em sociedade e através da construção de conhecimentos circunstanciados e refletidos. Os professores formados como reflexivos não combinariam com uma escola que molda massas de homens e mulheres para responder como reféns do mercado.

Por outro lado, seriam professores que teriam ampla ligação com a cultura local e utilizariam estes espaços na educação das novas gerações. Não seria possível pensar um professor reflexivo distanciado de espaços privilegiados de formação que a comunidade oferece. Neste contexto, as possibilidades oferecidas para a construção de uma Escola de educação integral ultrapassam o limiar da mera reprodução de práticas e adoção de modelos, oferecendo uma experiência heurística de educação para a autonomia. Assim, imerso em princípios reflexivos contrapõem-se e oferecem possibilidades educativas frente as inúmeras tentativas de uniformização da educação impostas por governos neoliberais, que buscam educar para o mercado.

Desta forma, no lugar de escolas padronizadas, sugere-se escolas que possuam raízes na cultura local, tornando as comunidades e cidades parceiras do ato educativo: os cinemas, as esferas dos poderes públicos, os espaços culturais, as praças e todo ambiente público são ofe-

recidos como ferramentas pedagógicas para construção de uma cidadania ativa e responsável. No entanto, a possibilidade de uma escola aberta para o novo e reflexiva de suas práticas só seria possível se, além de sua gestão ser realizada por representantes de toda a comunidade, que pensariam a escola a partir das necessidades sociais, tivesse profissionais reflexivos de suas ações.

O esforço proposto seria tão estrutural que a escola educaria para a cidadania de modo pleno. Nesse contexto, a Escola de educação integral e a educação integral não é tarefa fácil e não será alcançada com a introdução na grade curricular de algumas horas semanais de aulas e com o aumento dos conselhos de classe, dos espaços de participação e discussão na escola. A educação integral se constitui numa possibilidade de interação na formação integral do educando e remete olhar do todo ao trazer a transdisciplinaridade como suporte, num diálogo constante entre a parte e o todo.

A educação integral para Yus (2002), deve dar atenção a todas as potencialidades humanas, já que possuem diversos graus de desenvolvimento em cada educando como a inteligência emocional ou a inteligência espiritual, assim como os estilos cognitivos, as capacidades intuitivas, artísticas, criativas, entre outras. Para concretizar a educação integral, precisa-se de uma mudança de paradigma. As raízes dessa mudança “estão no pensamento de filósofos e educadores inovadores que, ao longo do século XX, foram trazendo uma visão integral ou holística para a educação” (YUS, 2002, p. 34). Educar integralmente requer uma educação centrada no educando e no desenvolvimento e exteriorização de suas capacidades. A formação do educando “jamais acontecerá pela assimilação de discursos, e sim por um processo microssocial em que é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade” (YUS, 2002, p.55). Pensar em educação integral significa educar de forma integral. Mas, para que isso aconteça, faz-se necessário educar os profissionais que pretendem atuar na educação integral.

Para educar holisticamente, os professores também devem formar-se holisticamente, intensificar essas capacidades ocultas, disfarçadas ou reprimidas por sua formação acadêmica e racionalista, procurar em todos os cantos de sua pessoa e buscar o equilíbrio que um educador precisa para transmitir confiança e apoio adequado para todos aqueles que procura educar (YUS, 2002, p. 09).

Desta forma, ser educador, nessa perspectiva, exige uma formação que contemple qualidades essenciais, pois são eles os responsáveis pelas vivências dos princípios de formação integral. Assim, os professores devem deixar de ser aqueles que transmitem informação e conhecimento, “para se transformarem em jardineiros”, com a responsabilidade de nutrir as crianças de forma a permitir que o potencial inato de cada uma delas floresça e se transforme em ação responsável” (YUS, 2002, p. 30). Antes de qualquer coisa, uma formação integral requer um educador que permita nas crianças o desenvolvimento.

Desta maneira, nossa realidade revela que o professor apresenta uma formação bastante precária. Não existe, em nível nacional, uma política de educação continuada. Há diferentes concepções de formação, como as mais tradicionais, que a visualizam como um conjunto de cursos, pautadas em blocos de capacitações, as ditas ou populares “reciclagens e treinamentos”, caracterizando, na maioria das vezes, um trabalho superficial e fragmentado. Com efeito, a for-

mação continuada do professor, pensada numa visão de mundo ampliada, valoriza o saber e a experiência docente, relaciona a prática centrada na reflexão ativa sobre essa mesma prática. Neste sentido, é preciso ressaltar o tempo que deve ser despendido para essa formação, para que a mesma possa ser viabilizada.

Em suma, reconhecer que a realidade ao nosso redor é um reflexo de nossos pensamentos e de nossas ações, de nossas formas de viver em sociedade, como também é um reflexo de nossas ações educacionais e atitudes pessoais. Assim, cada ser humano carrega dentro de si o mundo em que vive e que pretende viver. Neste sentido, considerando a educação como um elemento fundamental da dinâmica da vida, ela deve estar voltada para compreensão da vida.

3 PROFESSOR REFLEXIVO NO CONTEXTO DAS COMPLEXIDADES

O debate atual sobre formação de professores, suas ações e saberes ocorre num cenário político e econômico que privilegia a noção do professor reflexivo. É um debate que poderia ser qualificado de “consistente”, por constituir-se de movimentos que buscam a construção coletiva de uma identidade para o professor e para os seus momentos de formação. O professor reflexivo é aquele que consegue superar a rotinização de suas práticas e refletir sobre as complexidades e suas ações cotidianas antes, durante e depois de executá-las. Em sua formação há lucidez dos diversos saberes utilizados no cotidiano de trabalho.

Cabe-nos, porém, lembrar que sua atuação se dá num contexto muito peculiar, um local no qual o professor vai encontrar com diversas complexidades, deparar com resistências, enfrentar situações adversas e, apesar disso, desempenhar seu papel da melhor forma, para construir sujeitos críticos, autônomos e preparados a enfrentar e vencer desafios. Apesar de todos os problemas vivenciados pelo professor no seu labor, é exatamente na escola e no convívio com essas situações que ele encontra campo propício para o seu crescimento, o aperfeiçoamento de sua prática na transdisciplinaridade dos saberes nas suas práticas pedagógicas compartilhadas no próprio contexto das complexidades na educação integral, bem como o domínio de saberes.

Para tanto, há necessidade de o professor buscar inserir-se no cotidiano da escola, conhecendo seus problemas, auxiliando na descoberta de soluções, interferindo com o coletivo, porém, sem descuidar-se da própria formação. O professor identificando as complexidades na escola, certamente terá novos caminhos e objetivos pela busca dentro de si próprio da motivação necessária para entrever, em seus educandos, a esperança de transformação da realidade, por meio de uma formação sólida que possibilitará o questionamento e a visão necessários à implementação de mudanças. A educação e a compreensão de suas complexidades propõe o diálogo com as contradições, tanto no espírito do ator quanto nas relações sociais. Se a tarefa de ensinar fosse apenas complicada, seria suficiente, como frisa Edgar Morin, decompô-la em tarefas mais elementares, dar uma resposta ótima a cada uma delas e reunir o todo.

Desta forma, o aflorar do indivíduo e sua integração na sociedade, entre o desejo de igualdade e o respeito pelas diferenças, entre os interesses do professor e os do aluno, entre o projeto pessoal do professor e sua fidelidade ao mandato recebido, existe uma tensão grande. O professor navega à deriva ou, sem jamais estar certo de ter encontrado um equilíbrio estável,

tentando conciliar o inconciliável. A tensão aumenta com a fragmentação dos saberes e das políticas educacionais e das práticas institucionais, mas ninguém pode livrar completamente o professor da contradição, nem dissimular de forma duradoura seus limites.

Por isso, a prática é, no final das contas, um jogo entre interesse e desinteresse. É importante captar a natureza profunda das complexidades para buscar a transdisciplinaridade dos saberes. Este contexto nos mostra, de forma bastante nítida, a complexidade com que se depara o professor no desempenho de seu ofício na escola de educação integral, principalmente diante do que é viável realizar nas condições de trabalho que lhe são proporcionadas. Assim, durante a sua prática, o professor convive com situações que vão lhe exigir procedimentos coerentes com a realidade, como alunos indisciplinados, resistentes à aprendizagem, desestimulados, não-adaptados. São competências necessárias à sua atuação e que não provêm da sua formação, mas são adquiridas no exercício diário da docência. Mesmo que fosse elaborado um programa de formação para o professor, que buscasse englobar as situações mais inusitadas e passíveis de ser enfrentadas em uma sala de aula, certamente deixariam de ser incluídas inúmeras outras. Não é possível fugir da complexidade: é melhor trabalhar com ela e compreendê-la, reconhecer que faz parte do mundo e também de nossa relação com o mundo, devido, por um lado, às nossas contradições, ambivalências, instabilidades e limites pessoais e, por outro, às divergências e conflitos entre atores sobre a situação e as decisões a serem tomadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo lançar um diálogo com o professor reflexivo e Escola de educação integral no âmbito dos desafios e possibilidades de contribuições e inovações pelas práticas pedagógicas compartilhadas. Neste sentido, a realidade que se vive hoje, mostra-se pertinente ao trabalho do professor reflexivo, pois há alternativas plausíveis e possíveis de caminhos a serem percorridos mediante a transdisciplinaridade dos saberes nas suas práticas pedagógicas compartilhadas no contexto das complexidades escolares de atuação na educação integral.

Desta forma, apresenta-se, a necessidade prática de aproximação das realidades de trabalho dos professores. Tal esforço justifica-se numa tentativa de construir conhecimento junto a estes mesmos professores detentores do saber no ensino-aprendizagem. Problematicar o trabalho junto com professor na escola é uma empreitada cheia de lacunas e necessita de meta-análises para pensar-se de modo integral e reflexivo, o caminho de mudanças e inovações. Vemos, dessa forma, reforçada a necessidade de que o relacionamento professor-escola pelas práticas pedagógicas compartilhadas aconteça em benefício da educação. É na escola que o professor reflexivo vai encontrar o espaço propício para semear seus conhecimentos. Exatamente impulsionando a escola (que é constituída por todo o corpo de educadores, pelos alunos e pela comunidade) a se aventurar ainda mais longe (diversas cabeças são capazes de planejar as melhores ações) na espiral do desenvolvimento (professores reflexivos em uma escola reflexiva vão gerar alunos reflexivos capazes de transformar a educação).

A partir desta constatação, pressupomos que a medida em que o professor se aproxime das condições reais do trabalho e da realidade institucional, eventos podem ser problematizados com a prática profissional efetiva, adotando o caráter reflexivo e integral; mediante a transdisciplinaridade dos saberes nas práticas pedagógicas compartilhadas, a partir do trabalho de configuração/reconfiguração destes mesmos saberes propostos a Escola de educação integral e toda comunidade escolar. É nesse momento que floresce a figura do professor reflexivo, elemento que, desde o início da sua formação, questiona o quê e o porquê das coisas, inconformado pelo simples fato de não ser possível que tudo aconteça sempre da mesma maneira sem nunca haver alguém capaz de interferir nessa trajetória com o intuito de melhorar sua luta incessante na busca de novos horizontes. Assim, na escola de forma reflexiva no contexto da educação integral, tudo se completa, os interesses se coadunam e os objetivos propostos serão atingidos com muito mais eficácia, e a Educação terá alcançado o intento de formar indivíduos autônomos, capazes de pensar, de decidir, de contribuir para a construção de um mundo melhor.

5 REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto Editora, Portugal, 1996.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Dom Quixote: 1993.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THURLER, MG. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre (RS): ARTMED, 2002.

YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. POA: ARTMED, 2002.